PORTALEGRE CORE

#12 Outubro 2014

FESTIVAL DO CASTELO
SKINA CARROÇA
LUCILIA CARRILHO
GASRPAR GARÇÃO
E MUITO +

SKINA CARROÇA

ENTREVISTA

QUINA DAS BEATAS

SET.OUT.NOV.DEZ. 2014

CERTAMENTE RAZÕES PARA NÃO FICAR EM CASA!

26.09 SEXTA — D30

27.09 SÁBADO — SKINA CARROÇA

03.10 SEXTA — MAGNETIC ROLL'BAR

10.10 SEXTA — SABÃO AZUL & BRANCO

17.10 SEXTA — COZMICS

24.10 SEXTA — SPINNING SPARKS

31.10 SEXTA — VICTOR TORPEDO - KARAOKE

07.11 SEXTA — PESSOAS

15.11 SÁBADO — LDS SELECTA

21.11 SEXTA — MARQUÊS EM PORTUGUÊS

22.11 SÁBADO — VIAJANTES DO TEMPO

28.11 SEXTA — BDA FAMILY

05.12 SEXTA — JOHNNYLUV & OS HATE KILLERS

12.12 SEXTA — ANDERSKOR

19.12 SEXTA — LITTLE ORANGE

SUMÁRIO

Nota Informativa Informamos os nossos estimados leitores que a Portalegre Core não utiliza o novo acordo ortográfico.

3 FESTIVAL DO CASTELO

A Vila de Alegrete recebeu mais uma edição do Festival do Castelo promovido pela Ficar Associação Cultural.

14 BIOGRAFIA

Nesta edição fique a conhecer Rita Silva, antiga vocalista de Anderskor.

16 SKINA CARROÇA

A banda Portalegrense de Punk Rock Alternativo está de volta à ribalta.

23 CRÓNICAS DE...

Gaspar Garção apresenta mais uma crónica: “A Canção Continua a Mesma”.

24 LUCILIA CARRILHO

Entrevista exclusiva à pintora e artista manual Portalegrense.

32 LOUD & CLEAR

Pedro Mangerona aborda a linguagem MIDI.

CONTACTOS PORTALEGRE CORE

portalegrecore@gmail.com www.facebook.com/portalegrecore www.portalegrecore.com

Festival do Castelo

Dora Assis e Telmo Pires, membros da Direcção da Ficar Associação Cultural, são os principais responsáveis pela realização do Festival do Castelo na bonita vila alentejana de Alegrete.

Esta foi já a 3ª Edição do evento, que contou com alguns nomes mais conhecidos como Sequim, e Marafona, não menosprezando todos os restantes artistas presentes no Festival do Castelo.

"Mantemos vivo o património imaterial da nossa região para fazê-lo chegar, principalmente, a um público mais jovem."

Ficar Associação Cultural

A Ficar é uma Associação sem fins lucrativos sediada em Portalegre e com quase 3 anos de existência. É formada apenas por voluntários e promove diversas actividades tanto dentro como fora d portas.

Na sua sede de momento são promovidas aulas regulares de Yoga e danças tradicionais do mundo, concertos e exposições temporárias.

A Ficar tem actualmente mais de duzentos sócios, que recebem periodicamente informações dos eventos agendados. Esta associação está aberta a qualquer tipo de iniciativa e actividade que promova e seja uma mais valia a nível cultural tanto na cidade de Portalegre como nas zonas rurais do concelho.

Dão relevo à cultura tradicional, especialmente às artes e ofícios que estão em vias de extinção, principalment por todos estes pontos estarem cada vez menos ligados à população jovem.

FESTIVAL DO CASTELO
ficar

Esta foi a 3ª Edição do Festival do Castelo, como correu?

Para nós esta 3ª edição foi muito especial. Sentimos uma energia muito positiva em todo o evento.

Contámos com a participação e o apoio das bandas da nossa cidade, que têm muita qualidade e talvez por estarmos numa zona interior do país ainda não tenham tido oportunidade de se revelar mais a nível nacional.

Foi também uma edição muito importante porque conseguimos, apesar das inúmeras dificuldades monetárias e logísticas, continuar em frente com este evento. Este tipo de eventos, especialmente na nossa região precisam de continuidade, continuidade essa que muitas vezes é difícil de assegurar, e por isso, consideramos que foi uma vitória, e pretendemos animar outras associações e entidades a seguir com os seus projectos, sem desistir por mais dificuldades que possam surgir pelo caminho.

Mesmo que comece a chover ou se apague a luz no inicio dos concertos! Quem esteve presente sabe do que se fala.. mas foi mesmo muito bom!!

Ainda ouve resistentes a cantar à chuva! (risos)

Alegrete, a Vila

Alegrete é uma freguesia alentejana do concelho de Portalegre com
meados de 1855. Inserida em pleno Parque Natural da Serra de São
ribeira de Alegrete, caracterizada por uma enorme diversidade geoló

entem que está a crescer e ano para ano?

A crescer talvez não, mas sentimos e se está a definir um publico. Ou seja, conseguimos publico a nível nacional e gum, pouco, internacional. Falaram-nos essoas no Festival, que vieram de longe, e tinham estado em edições anteriores Festival e como tinham gostado volta-m!

Este género de situações são muito sejáveis em eventos, como o Festival do astelo que embora pequeno, começa a nhar carácter próprio e o seu próprio publico, que mais do que a quantidade se desloca por qualidade. Como não fazemos este evento para enriquecer, apenas nos basta cobrir as despesas, e que o público goste do que lhe podemos oferecer, acreditamos que esta terceira edição foi um marco decisivo para que este Festival comece a ter ainda mais publico. Esperemos que se tiver mais publico não perca o seu carisma, como acontece com alguns festivais que quando crescem muito deixam de ser a mesma coisa, e perdem um pouco da sua essência! Mas até isso acontecer, se é que acontece, ainda temos um longo caminho a percorrer e muito que aprender.

cerca de 88 Km2 de área e cerca de 1500 habitantes. Esta foi vila e sede de concelho até o Mamede, a uma altitude de 500m, localiza-se a cerca de 2 Km da margem direita da ogica, paisagística, faunística e florística.

Qual é a adesão e reacção por parte do público?

Pensamos que foi muito boa, pelo menos a avaliar pelas fotografias. Normalmente em todos os eventos quem mais trabalha é a organização e muitas vezes perdemos “parte da festa” a “lavar pratos”, como quem diz! Mas sim o público é cinco estrelas!

Sentem que este evento é uma mais valia para a região de Portalegre e para a Vila de Alegrete?

Claro que sim! Se não se sentir isso, então deveríamos cruzar os braços! A nossa região tem lugares, paraísos naturais, muitas vezes por descobrir que são uma maravilha.

Muitas vezes nem nos damos conta, só porque já estamos acostumados a vê-los, mas quem vem de longe, e não conhece fica encantado, e até nós ficamos encantados.

Alguns sítios já são turísticos, mas a vila de Alegrete que é realmente muito bonita, ainda consegue fugir ao turismo massificado.

É simples , bela e pequena, e cheia de quintalinhos e serras à volta. Parece esquecida do mapa e aqui mesmo ao lado da nossa cidade.

É o sítio ideal para o nosso Festival, simples e “feito à mão” e por isso pretendemos continuar as seguintes edições em Alegrete.

2012

O primeiro ano, ano de estreia foi marcado essencialmente pelo grande “disparo” que A Jigsaw obteve no mercado nacional de concertos, assim como os Bicho do Mato.

Sem faltar com as suas obrigações e desde cedo começando a delinear uma estratégia de concertos em que envolvesse todas as idades e toda uma população, esta foi acarinhada e totalmente aceite obtendo cerca de 300 pessoas ao longo dos 3 dias de espectáculos.

O Castelo

Situado na freguesia de Alegrete, o castelo onde decorre o Festiva
ficações do Alto Alentejo raiano, peça fundamental defensivo da re
polo de atracção turística para uma região que se recente como ta

2013

A segunda edição do Festival do castelo teve uma grande novidade no que diz respeito ao local. O mesmo foi desenvolvido por 2 fins de semana consecutivos em que o Castelo de Alegrete não foi o único escolhido, mas também o famoso Castelo de Marvão foi eleito.

A Ficar Associação Cultural é uma das principais responsáveis pelo desenvolvimento no que diz respeito a turismo de atracção, sendo que a sua sede é em Portalegre e promove eventos um pouco por todo o Distrito.

2014

Com um cartaz maioritariamente regional, a organização decide dar um destaque especial a novos valores da região de Portalegre, trazendo sempre de ano para ano, novos projectos com margem de progressão.

Já passaram pelo palco do Festival do Castelo cerca de 10 projectos do distrito de Portalegre, onde este ano marcaram presença os Anderskor, Sabão Azul e Branco, Marquês em Português, Overcome the Sky, LDS Selecta e o Grupo Coral de Alegrete.

al promovido pela Ficar Associação Cultural constituiu-se numa das mais importantes forti-
egião na Idade Média. Actualmente, apresenta potencial para constituir-se num importante
ntas outras da sua interioridade.

Quais os planos futuros em relação a este evento?

O ideal é sempre melhorar nas condições oferecidas ao publico.

Melhorar instalações, arranjar melhores zonas de campismo, fazer ainda mais actividades diurnas, e continuar a apostar na qualidade musical, que temos apostado em todas as edições do festival.

Trazer sempre músicos e bandas nacionais e internacionais com grandes projectos tanto na musica folk, música do mundo, mas sem esquecer outros géneros musicais, que apareçam com grande qualidade.

Além de todos os anos fazermos sempre o convite a projectos regionais, especialmente os da cidade de Portalegre, que aparecem com grande força e como já se referiu com grande qualidade.

Esta terceira edição foi a mais variada a nível musical, desde o rock, ao heavy, ao reegae, e gostámos muito do resultado final!

A diversidade é sempre o melhor caminho, e é bonito ver pessoas tão diferentes unidas pela musica.

É sem duvida um plano para o futuro assegurar esta diversidade e qualidade.

Q
p

sa
tos
na
co
ção
Da
zo
rua
Co
etc
ou
po
tes
co
Fe
diz
ter
e
de
tri

R
Ap

Se
re
ap
Al
na
Ar
po
tou

Novos Socios Portalegre Core

Ainda não és sócio da Portalegre Core? Do que esperas para
associação? Preenche já a ficha de candidatura em www.porta
dados. (Quota Anual: 12,00€)

Quantas pessoas estiveram presentes no evento?

Realmente não sabemos dizer. Como bem o Festival não são apenas concer-s dentro do castelo. Existem muitas ofici-s gratuitas a toda a população. Este ano m passeio pedestre a cargo da associa-o Quercus, oficina de yoga, Chi Kung, anças Tradicionais, e também existe uma na de comes e bebes e artesanato nas as do castelo, houve actuação do Grupo oral de Alegrete e da Banda Euterpe, etc. c. Ou seja, em resumo, passou por estas tras actividades gratuitas muita gente e pulação local que não estavam presen-s nos concertos, que não conseguimos ntabilizar. Além disso são três dias de estival e torna-se mesmo muito difícil zer um número. Mas vá, ficaríamos con-ntes por dizer que no seu todo entre 500 1000 pessoas, o que não é muito consi-erando que são três dias, e apenas um nta por cento sobe ao castelo!

Receberam algum tipo de apoio?

e falarmos de apoios monetários não cebemos nenhum. Mas tivemos alguns oios logísticos. A Junta de Freguesia de egrete ajudou-nos nas questões relacio-das com o licenciamento, o Centro de tes do Espectáculo de Portalegre, o Gru-o Desportivo de Alegrete que nos empres-u as instalações e equipamentos, a paró-quia que também nos emprestou equipa-mentos, a sociedade de Alegrete. Alguns patrocínios de fornecedores, alguma dádi-vas de particulares e o apoio físico de todos aqueles que trabalharam de dia e de noite não só no Festival em si, mas também na montagem e desmontagem do mesmo.

te juntares a nós e teres descontos e regalias nos eventos organizados pela alegrecore.com e aguarda por um email de confirmação e validação dos teus

É difícil criar algo do género nesta região visto ser a mais pobre do país a nível deste tipo de eventos?

É relativamente difícil. Tudo dá muito trabalho, especialmente em eventos como os que a FICAR faz, em que partimos sempre do zero, e baseados na auto-sustentabilidade. Mas isso supomos que deve ser difícil em qualquer parte. Aqui o difícil é convencer o publico a vir, experimentar coisas novas, ouvir outras musicas que não passam nas discotecas… Abrimos caminhos novos e os nossos eventos não são os que a maioria do publico da região está habituado a frequentar ao longo dos anos. Por isso torna-se sempre difícil e parece que estamos sempre a começar de novo! De qualquer forma não estamos, e damos um passo a seguir ao outro, devagarinho.. Afinal estamos no Alentejo! Mas quem se quer mexer, mexe-se bem!

Agradecimentos

A vocês em primeiro lugar, Associação Cultural Portalegre Core e a todas as instituições e entidades que nos apoiaram referidas anteriormente, e toda a malta que trabalhou no Festival, desde as senhoras cozinheiras, aos fotógrafos voluntários, ao pessoal do bar, aos técnicos de som, aos vizinhos que emprestaram sempre qual-

quer c
chave
Alegre
deu lic
teira…
são! E
de ser
fessor
sentes
deram
TIVAL

Podem visi
www.facebook.co
ou
associacaocu
ou ainc
9674
9643
Mais uma vez m

* As fotos desta entrev
Sara Afonso, Ana Pe

coisa, a todos os que nos deixaram
s de arrecadações e casas lá de
ete, à casa d'Alegrete, a quem nos
cores caseiros, ao pessoal da bilhe-
. Espero que todos saibam quem
E ainda e como não poderia deixar
r a todas as bandas , músicos e pro-
res das oficinas que estiveram pre-
s, que juntamente com o publico
n o seu melhor e fizeram deste FES-
uma grande Festa de amigos.

tar-nos no facebook.
m/FicarAssociacaoCultural,
u por email:
lturalficar@gmail.com,
la nos telefones:
467645 (Dora)
53468 (Telmo)
uito obrigado e até breve!

ista foram gentilmente cedidas por
reira e Ficar Associação Cultural.

BIOGRAFIA

Rita Silva, natural de Lagoa, cresceu e viveu em Portimão. Esteve desde muito cedo - e acabou por ficar sempre - ligada às Artes, nomeadamente à música, ao desenho e à dança (ginástica rítmica, acrobática, patinagem e natação).

Rita aos 12 anos de idade tocou o seu primeiro instrumento, um mini piano cor de rosa com um microfone, recorda. Tocou no seu piano durante cerca de 3 anos, iniciando assim o seu gosto pela música.

Já iniciada no mundo musical, Rita Silva apaixonou-se por bandas como Guano Apes, Skunk Anasie, Exilia e Bem Howard, no entanto, as soundtracks de filmes e jogos sempre a cativaram de uma forma especial também, principalmente as grandes canções de Hans Zimmer.

Desde pequena que possuí um livro onde escrevia todas as letras de música que lhe vinha à cabeça e que imaginava, que compunha. Segundo a mesma, é provável que nos dias que correm possa ter 3 dossiers cheios de letras da sua autoria.

Iniciou a composição das suas letras aos 9 anos de idade. Ao festejar o seu 10º aniversário começou a gravar as suas músicas para trabalhos e vídeos que apresentava na escola.

O caminho da música corria no seu angue dando um grande salto ao concor-er à Operação Triunfo emitido pela RTP1.

Durante este período de tempo sem-re teve pequenos projectos com músicos nde podia criar e aprender mais.

Foi então que Portalegre lhe bateu à orta. Momento de ir estudar para fora da ua localidade, tempo de mudança, mas a úsica nunca essa deixou de ser compa-hia. Conheceu assim os Anderskor e logo e imediato ingressou no projecto portale-rense. Foi-lhe assim dada a possibilidade e se inserir dentro de um género musical ue há muito vinha a tentar explorar.

A passagem por Anderksor durou uns ons anos, dando a conhecer a sua musi-alidade, a melodia da sua voz, a todos queles que assistiam aos seus concertos.

Entre 2007 e 2008, Rita Silva e o seu amigo David Amador decidiram criar a "Different Pixel" - indie games development – criação de jogos, e em paralelo começou a criar o seu próprio projecto musical "Edern", baseado um pouco mais no géne-ro Chillout com algumas músicas instru-mentais.

Em 2010 foi lançado o jogo Vizati onde para além de o visualizar, juntamente com o guitarrista Pedro Xavier, foram criadas as músicas e Sound Effects do jogo.

Para além da criação de soundtracks para vídeos e jogos ainda colabora com algumas bandas, entre elas Headzum.

De momento Rita Silva vive todos os dias rodeada de artistas de todo o mundo nos cruzeiros que lhe permite evoluir e ter várias colaborações internacionais.

Rita Silva

SKINA CARROÇA

Este foi o vosso segundo concerto com a nova formação, sentem-se "satisfeitos"?

Estamos entusiasmados. Satisfeitos ainda não. Notamos claras melhorias do primeiro concerto na concentração motard em Montargil. Crescemos a nível técnico, as músicas novas estão mais consistentes e estamos mais concentrados. Temos que encontrar um meio termo, entre a euforia do primeiro concerto e a responsabilidade do terceiro. Temos o terceiro concerto em Estremoz no dia 4 de Outubro e como dissemos antes: estamos entusiasmados!

Sentem que estão no bom caminho?

Sentimos que estamos a encontrar um caminho. Skina precisava de puxar a carroça noutro sentido e estamos a conseguir atingir os nossos objectivos. Temos um novo vocalista e dois novos guitarristas. Vieram imprimir uma nova sonoridade, novas influências, como é o caso do Pedro Correia com um estilo mais Blues e o João Pedro que trouxe as referências metal e mexeu no ritmo, na energia da música de Skina.

Skina Carroça, projecto Punk Rock Alternativo Portalegrense, nasceu em meados do ano de 2010, subindo a palco pela primeira vez em Campo Maior. Surgem alguns contratempos e em Dezembro de 2012 acabam por perder o seu vocalista até então, João Delicado. Os restantes membros de Skina Carroça não baixam os braços e decidem seguir em frente, onde, se deparam com mais saídas da formação inicial, acabando por apenas subsistir Nuno Alegria. Em 2014 apresentam-se novamente com novas caras sendo estes, Pedro Correia e João Pedro Cândido nas Guitarras e Pedro Guerra Marques na voz. Os restantes já vos de certo são conhecidos quando se ouve o nome Skina Carroça, Nuno Alegria e Daniel André.

Voltaram para ficar… E agora!?

Qual foi o feedback por parte do público?

Tivemos o mais exigente dos públicos no CAEP: os nossos amigos. São as pessoas que mais gostam de nós, nos conhecem e que criam mais expectativas. E ainda temos a sorte de a maioria desses amigos serem músicos, ou estarem envolvidos com o mundo da música. Por isso o feedback foi bastante positivo: palavras de incentivo e críticas construtivas que nos fizeram certamente crescer. É sempre bom termos uma opinião positiva do trabalho que temos vindo a desenvolver, para nós é muito gratificante e dá-nos uma vontade extra de continuar a trabalhar, sabendo que, ainda temos um grande caminho pela frente a percorrer.

Mudaram recentemente de formação. Será esta a formação ideal de Skina?

Quem sabe? O mundo está sempre a mudar. Neste momento estamos os cinco unidos e concentrados, todos queremos fazer esta música, neste momento.

Quais os planos futuros para Skina Carroça?

Queremos lançar novas músicas, temos algumas ideias que temos andado a estudar e que esperamos apresentar ao público no próximo ano. Queremos gravar em estúdio algumas das nossas músicas com esta nova formação e acima de tudo interagir com o público em concerto.

Para quando o EP?

Ainda não temos uma data definida, mas claro que está nos nossos planos a curto prazo. Neste momento queremos ensaiar as músicas novas, escrever mais música, divertirmo-nos acima de tudo com o nosso som.

Quem são os Skina?

Somos compostos por cinco elementos: Pedro Marques (Voz); Pedro Correia (Guitarra Solo); João Pedro Cândido (Guitarra Ritmo); Nuno Alegria (Baixo); e Daniel André (Bateria), um grupo de amigos que unindo as aptidões de cada um formam os Skina Carroça.

SKINA CARROÇA

O vosso antigo vocalista João Delicado tinha uma aptidão natural para as letras punk. Sentem de alguma forma a falta dessa originalidade?

O punk fez sempre parte da vida de todos nós, da nossa geração. É um estilo que nos segue e que o João vive intensamente em palco. Johnny Luv deu personalidade à banda enquanto foi vocalista. Há várias músicas de Skina escritas pelo João e quem sabe um dia não volte a escrever. Mas a originalidade de Skina não está no punk do João. Temos quatro músicas novas, todas com letras punk fortes e originais criadas agora por Pedro Guerra, o novo vocalista. Não tirando o mérito ao João, Skina entra agora numa nova fase, onde a originalidade de cada letra e de cada música se mantém.

Teremos alguma surpresa até ao final do ano?

Temos um concerto já este fim de semana, em Estremoz, e estão todos convidados a assistir. Surpresas não podemos contar, mas estejam atentos, Skina está a mexer a Carroça!

*Todas as fotos de Skina Carroça foram gentilmente cedidas por Manuel Ceia e Skina Carroça.

HONOLULU
CLUB

Webzine
Portalegre Core

Assinatura Gratuita

Subscreve já a Tua Webzine Em:

portalegrecore@gmail.com

Crónicas de: Gaspar Garção

A Canção continua a mesma!

As paixões na música não são como na vida real, e duram para sempre, mesmo que pelo meio haja alguns períodos de "traição" e esquecimento.

Das minhas inúmeras paixonetas musicais, a maior forte tem sido mesmo a que nutro pelos Led Zeppelin, desde os longínquos anos 90.

Embora esta mítica banda inglesa já me tivesse passado pelos ouvidos, foi um amigo do hard rock, o Marco Napita, quem me abriu os olhos e me fez apaixonar perdidamente (através dos LP's originais), pelos riffs mágicos da guitarra de Jimmy Page, pela voz selvagem de Robert Plant, os ritmos tribais e violentos da bateria de John Bonham, e o baixo e o órgão de John Paul Jones, discreto mas eficiente e fundamental para o som compacto e inimitável dos Led Zep.

Penso que, juntamente com os Deep Purple de início dos anos 70, os Black Sabbath dos primeiros discos, e o grande Alice Cooper de meados dos anos 70, os Led Zeppelin deixaram um legado imenso ao rock, através de centenas e centenas de jovens que se viraram para a guitarra por causa dos acordes de "Stairway to Heaven", dos riffs de "Whole Lotta Love" e "Black Dog", e o misticismo de "Ramble On" e "Kashmir".

Em final dos anos 70, a banda que juntava blues e rock, música acústica e ritmos de "world music" antes do tempo, e que tinha uma energia inesgotável, foi apelidada pelas bandas punks emergentes, como autênticos "dinossauros do rock".

A realidade, claro está, era muito diferente, e enquanto as reedições e remisturas dos discos dos Led Zep continuam a vender na ordem dos milhões (e a receberem críticas entusiasmantes), os álbuns a solo de Robert Plant são apelidados pela crítica de "geniais", e maior parte da música punk dessa época foi mesmo pela sarjeta (com honrosas exceções) …

É caso para dizer, se os Led Zeppelin são "dinossauros do rock", eu quero um bilhete geral para esse "Parque Jurássico" musical…

Lucília Carrilho

Lucília Carrilho, nasceu em São Sebastião da Pedreira em 1972, reside actualmente em Portalegre desde 1974. Licenciada em Educação e Formação de Adultos, tem um gosto enorme pelas artes manuais, nomeadamente, a pintura.

Tens um gosto admirável pela arte manual, como o adquiriste?

Nem sei bem precisar quando emergiu este meu gosto pelas artes plásticas. Penso tratar-se por uma capacidade inata. Recordo-me que já na infância gostava de trabalhos ligados à arte. No meio em que estava inserida, enquanto criança, tive várias oportunidades de partilha de conhecimentos entre colegas que partilhavam a comunidade institucional, onde residia. Eram raparigas mais velhas do que eu na altura, que frequentavam já o terceiro ciclo de estudos, sendo muitas delas ligadas ao curso de artes. Eu ficava ali, a admirar os desenhos a carvão que preparavam para as aulas de educação visual, entre outros trabalhos que desenvolviam para o mesmo fim. Penso que para além de uma capacidade inata, o meu gosto pela arte plástica foi crescendo comigo.

Em que te baseias nas pinturas dos teus quadros?

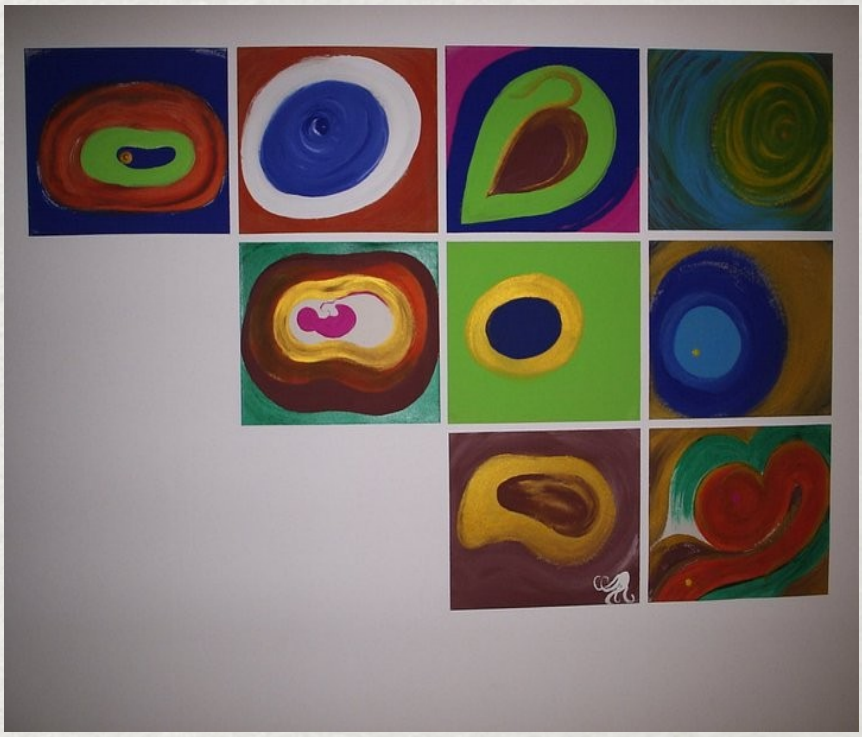
Quando pinto um quadro, geralmente desenvolvo à priori um projeto imaginário. Penso o que quero fazer, o tema que pretendo trabalhar, que tipo de público se pretende sensibilizar, bem

com
um t
volv
Gos
texto
para
dese
com
ponl
com
giu a
pôs
expo
da a
tive
a es
traba
verif
pers
bora
zar a
basi
uma
dese
um g
do à

Tam
pa

gost
pape
simp
gem
a téc
já tra
com
tenh
zar a
se d
“Per
ta).

o, os materiais e cores a trabalhar. É trabalho necessário ao bom desen-imento de um projeto de pintura. to essencialmente de me basear em os. Penso tratar-se de um bom guia a o tipo de trabalho que gosto de envolver. Por norma costumo pintar base em textos de poesia que com-no. Mas também já elaborei obras base em literatura. Este projeto sur-a convite de um escritor, que me pro-trabalhar o seu livro para fins de osição de pintura, ligada ao evento presentação do livro. Neste sentido, que aceder à obra escrita e ler toda tória, e depois pensar: O que vou alhar a partir daqui? Foi então que iquei a riqueza da descrição das onagens contidas nos cenários ela-ados pelo autor, e pensei, materiali-as personagens, dando-lhes forma, camente um rosto. Foi sem dúvida boa experiência, dado que para envolver este projeto foi necessário grande trabalho de retaguarda, liga-pesquisa.



mbém tens obras em pel, correcto?

Sim, também tenho um enorme o em criar peças decorativas em el, que se baseia em técnicas muito oles como: a da rasgagem e cola-, e moldagem de papel. Utilizo muito cnica da Papietagem, mas também abalhei outros tipos de materiais barro. – Experiências! Sinto que o muita criatividade. Gosto de ideali-as peças, e partir para ação. É como e um mecanismo se tratasse. nso e logo existo" (Reinaldo Descar-

Já tiveste oportunidade de expor as tuas obras?

Sim, até à data já conto com algumas exposições de trabalhos quer colectivo ou a termo individual. A primeira oportunidade surgiu em maio de 2013. Foi no CAEP, integrei numa exposição coletiva promovida pela Associação Furmatos, a mesma foi denominada por "Tons de Maio". Foi uma experiência gratificante. Já em outubro do mesmo ano expus os meus trabalhos no Centro Distrital de Segurança Social, em Portalegre. A exposição teve como nome" Se um dia me perguntares" e desta faziam parte 10 obras plásticas. Esta mostra de trabalhos tinha como base a poesia (textos criados por mim), e era retratava a figura materna e o amor incondicional entre filho(a)/Mãe. Foi a minha primeira exposição a titulo individual.

Em 2014 teve lugar no espaço da Biblioteca Municipal a minha segunda exposição, esta com base na obra literária "Os Quatro Elementos" de Rob Max William. Sinto que cresci muito a partir do desenvolvimento e preparação de trabalhos para esta exposição, onde tive a oportunidade de explorar e aprender, novas técnicas de trabalho.

Também tenho agora apresentadas várias mostras de arte. Exposições que se compõem por um número de trabalhos inferiores aos já referidos, e destas integram também, alguns dos trabalhos de escultura em papel. Neste momento tenho a decorrer uma mostra de Arte no Espaço Aurora em Portalegre.

Onde podemos visualizar uma exposição tua?

Neste momento encontro-me a preparar novos trabalhos. Logo que concluídos, procurarei então um espaço para expor.

Tens alguma exposição agendada?

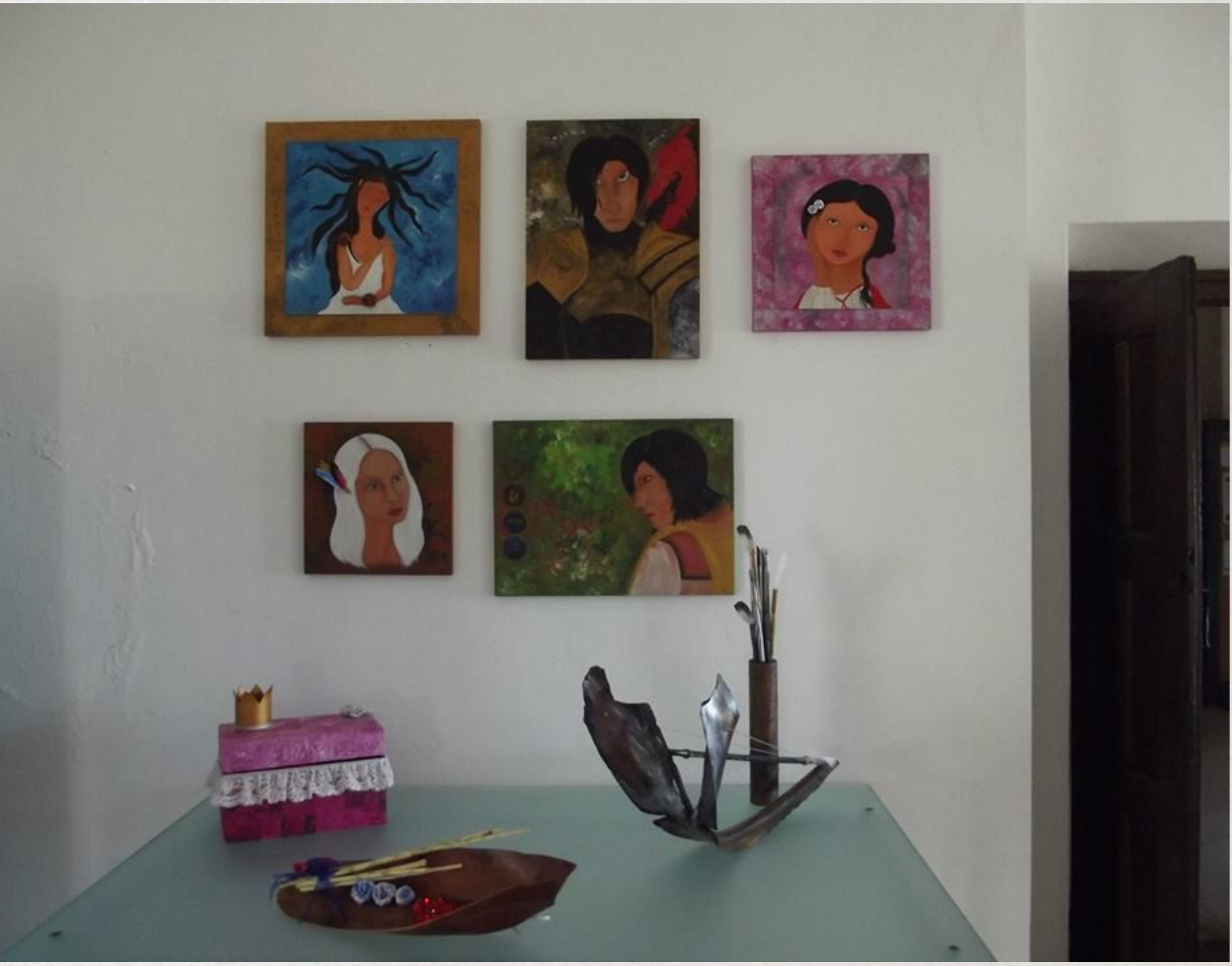
Sim, de momento tenho uma exposição agendada. Esta só com três obras a expor. Vai ter lugar no Rossio Hotel, na nossa cidade de Portalegre.

Quais as opiniões que recebes por parte de quem vê as tuas obras?

Tenho tido uma boa aceitação através do público. Também depende essencialmente do tema que se trabalha e o género de obras que se apresentam. Apesar do bom feedback das pessoas ainda noto que na nossa cidade existe pouca adesão ao que se descreve por cultura e tradições. Penso que ainda à muito a fazer para motivar as pessoas a assistir a este tipo de iniciativas.

As tuas obras podem ser adquiridas?

Sim. Todas elas estão ao dispor de quem as pretenda adquirir, embora não esconda que as gostaria de ter todas expostas numa galeria ou no meu atelier, mas o espaço torna-se um pouco curto para tantas.



nde podemos adquirir as tuas obras?

dem efectuar o contacto por mail: Cilacarrilho@hotmail.com, ou então, por msg privada na nha página de facebook: https://www.facebook.com/lucilia.carrilho.

apenas um hobby ou é go mais que isso?

É muito mais do que um Hobby. É um sto que me cativa e a que me dedico a alquer minuto livre que possa encontrar. lgo de apaixonante poder criar qualquer a das minhas obras e observar o desen-vimento que vão tendo ao longo do pro-sso construtivo, parar e olhar, e de segui-recomeçar para no final ter aquilo que é alizado, ou que muitas vezes se trans-ma ao longo desse mesmo processo.

Fala-nos um pouco acerca dos teus planos futuros.

Para planos futuros penso, e quero trabalhar mais, no sentido de melhorar as minhas técnicas de trabalho e assim melhorar a apresentação dos trabalhos que desenvolvo. Sinto que ainda há muito a aprender, quer seja a nível individual, quer a termo de troca e partilha de conhecimentos com outras pessoas ligadas às artes plásticas. Gosto de trabalhar em parceria, e neste sentido, aprendemos sempre muito uns com os outros.

que sentes ao fazer cada obra?

Sinto essencialmente paz de espírito, mas para descrever muito melhor a esta questão, u expor para a Portalegre Core um poema da minha autoria:

Silêncios…

Silêncios são barulhos que ninguém ouve,

são momentos que a alma esconde.

Silêncios são palavras escondidas,

retidas no pensamento.

São ruídos barulhentos que se misturam cá dentro.

São partículas que voam rasteiras ao sentimento.

Silêncios são cores garridas,

cores desmaiadas.

São como mesclados, parados no ar.

Silêncios são diálogos que nos abordam e que depois transbordam.

São instantes de introspeção,

que nos acalmam ou agitam o coração.

Silêncios são paraísos que nos deixam sonhar,

como ondas azuis em alto mar.

Silêncios são como raízes que nos seguram ao chão,

são como braços que nos contornam,

e nos estendem a mão.

Silêncios são conversas mudas,

espaços de reflexão.

Lucília Carrilho

(Todos os direitos reservados ao código de autor)

LOUD & CLEAR

Rúbrica por: Pedro Mangerona (Portalegre Core)

Este mês vamos falar sobre a linguagem MIDI. A linguagem MIDI (Musical Instruments Digital Interface) consiste num protocolo que especifica como certos instrumentos musicais podem ser interconectados e controlados remotamente. O protocolo MIDI apareceu no início da década de 80 do século passado, em resposta ao aumento da sofisticação e correspondente complexidade dos instrumentos eletrónicos, especialmente os sintetizadores.

O trabalho que resultou no protocolo MIDI 1.0 iniciou-se com uma conversa entre três engenheiros de áudio, em Junho de 1981, no encontro da National Association of Music Merchants (NAMM). Ikutaro Kakehashi (Roland Corporation), Tom Oberheim (Oberheim Eletronics) e Dave Smith (Sequential Circuits) estavam cientes das dificuldades dos músicos na questão da conexão de sintetizadores de diferentes fabricantes. Meses mais tarde, Smith elaborou uma proposta inicial que apresentou à Audio Engineering Society (AES), denominada “Universal Synthesizer Interface” (USI). A proposta de Smith chegou aos ouvidos dos fabricantes japoneses que já haviam criado o seu próprio padrão. O padrão japonês era mais complexo do que o USI, que se focava, principalmente, nos eventos de ligar e desligar notas . No encontro seguinte da NAMM, em Janeiro de 1982, os japoneses, que incluíam os maiores fabricantes de sintetizadores como por exemplo a Korg, Kawai e Yamaha, uniram-se aos fabricantes americanos para coordenar os esforços de unificação do protocolo. Cinco meses depois (Junho), os fundamentos básicos da Interface Digital de Instrumentos Musicais (MIDI) foram apresentados na NAMM e os fabricantes iniciaram a comercialização de instrumentos musicais em conformidade com esse mesmo padrão. Com a expe- riência das primeiras implementações, o padrão foi reformado e refinado e em Agosto de 1983 o protocolo MIDI 1.0 foi formalmente publicado.

Criadores Do MIDI

Tom Oberheim (Oberheim Electronics)

kutaro Kakeashi (Roland Corporation)

Dave Smith (Sequential Circuits)

LOUD & CLEAR

Rúbrica por: Pedro Mangerona (Portalegre Core)

O MIDI é um protocolo de comunicação, um conjunto de comandos que circulam entre dispositivos que aceitam a linguagem MIDI. A sua função é controlar e sincronizar vários aparelhos que estão ligados através de um cabo MIDI. Assim, podemos ter um aparelho a controlar outro, isto é, a dar-lhe instruções sobre quando tocar uma nota, que nota, durante quanto tempo, etc. A linguagem MIDI funciona com bytes, que é uma unidade de informação digital.

Quando se envia uma mensagem MIDI, quer dizer que estamos a enviar um número de bytes para outro aparelho que queremos controlar remotamente. Este aparelho recebe a mensagem, descodifica-a e age conforme foi instruído.

Vamos observar um caso concreto: O sistema em cima é composto por um sequenciador, que pode ser um computador com uma placa de som e com um sequenciador instalado, um sintetizador e um sampler. Estes três aparelhos estão ligados por cabos MIDI (AB) e (CD) de forma a que o sequenciador possa controlar ou dar ordens a um deles ou aos dois ao mesmo tempo. Se quisermos que o sintetizador toque uma nota, podemos enviar uma mensagem MIDI do sequenciador para o sintetizador a dar essa ordem. Essa mensagem consiste num conjunto de bytes que "informam" o sintetizador de qual é a nota que deve tocar, com que intensidade, durante quanto tempo, etc. Da mesma forma, podemos dizer ao sampler para tocar um som e a mensagem chega ao sintetizador e é retransmitida para o sampler. Podemos ter até 16 aparelhos ligados desta forma, já que a linguagem MIDI utiliza 16 canais de

Agenciamento Portalegre Core

Ainda não conheces o agenciamento da Portalegre Core? Pode
ou enviares um email para portalegrecore@gmail.com. Se tens
tempo em consultar os nossos serviços.

unicação individuais. composto
m sequenciador, que pode ser
omputador com uma placa de
e com um sequenciador
lado.

Os aparelhos MIDI usam
das In, Out e Thru. Neste caso,
quenciador envia a mensagem
seu MIDI Out (A) e o sintetizador
be a mensagem no seu MIDI In
Para o sampler receber
sagens do sequenciador, o
tizador envia a mensagem que
beu do sequenciador pelo seu
Thru (C) para o MIDI In do
bler (D). Assim, podemos
rvar que o MIDI Out serve para
r mensagens, o MIDI IN serve
receber mensagens e o Thru
e para retransmitir mensagens.

Na próxima coluna
nuaremos a falar da linguagem
e da sua aplicação em home
os.

es consultar detalhes através do website oficial (www.portalegrecore.com)
uma banda e necessitas de quem tome conta da tua agenda não percas

TIRO CU DO SOFA

MAGNETIC ROLL BAR

03 OUT. PORTALEGRE

CAEP

ESPAÇO QUINA DAS BEATAS

Spinning Sparks

24 out_Portalegre

Sabão Azul e Branco

24 out_Portalegre

Skina Carroça

04 out_Estremoz

ESCOLA DE MÚSICA

SOCIEDADE MUSICAL EUTERPE

GUITARRA PORTUGUESA com RICARDO GORDO

APRENDER GUITARRA PORTUGUESA VAI SER POSSÍVEL NA ESCOLA DE MÚSICA DA SOCIEDADE MUSICAL EUTERPE.
CONTACTA-NOS!

BANDA EUTERPE
PORTALEGRE

Banda Juvenil
Sociedade Musical Euterpe
Portalegre

PELA MORADA
Rua Bairro Ferreira Rainho
Antiga Escola da Serra
Portalegre

OU PELO E-MAIL
smeuterpe@sapo.pt